

**ESCOLA COMO ESPAÇO DE PREVENÇÃO ÀS SITUAÇÕES DE RISCO:
RELATO DE EXPERIÊNCIA**

CÉLIA MARIA FERREIRA DA SILVA TEIXEIRA¹, ALESSANDRA DA SILVA CARRIJO²,
IVONE GOMES DE SANTANA MOURA³, CELMA REGINA GONÇALVES DA SILVA⁴,
LÍVIA FARIA E SILVA COSTA⁵, MOUNA ANTOINE ESPER⁶ E LÚCIO FREDERICO DE
OLIVEIRA ROSA⁷

RESUMO

Este relato de experiência é resultado de uma série de encontros realizados no Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação da Universidade Federal de Goiás (Cepae/UFG), em 2005, para refletir sobre a participação da família na escola na perspectiva de prevenção bio-psicossocial e educacional às situações de risco como drogas e suicídio, que interferem no pleno desenvolvimento das atividades escolares das crianças e adolescentes. Para tanto, buscou-se uma ação integrada entre pais e mães desta escola e de professores e servidores técnicos da UFG. A metodologia priorizou a dimensão grupal, tendo como base o Psicodrama Moreniano.

PALAVRAS-CHAVE: escola, família, prevenção, situações de risco.

School as space for the prevention of risky situation: an experience account

ABSTRACT

This experience account is the result of a number of meeting held at Cepae to reflect upon the participation of the family in the school from the perspective of a biosocial prevention to risky situation such as drug abuse and suicide which interfere in the full development of children and adolescent activities. To accomplish this interacted action between parents, teacher and public servants of the UFG. The methodology focused primarily in the groupal dimension having as a basis the Moreniano Psicodram.

KEY WORDS: school, family, prevention and risky situation.

¹ Coordenadora do Serviço de Psicologia do Departamento de Saúde Mental e Medicina Legal da Faculdade de Medicina/UFG, psicóloga e doutora em Psicologia/UnB. E-mail: celiaferreira@cultura.com.br

² Técnica em Assuntos Educacionais do Cepae e mestre em Filosofia.

³ Assistente Social do Cepae e especialista em Serviço Social. E-mail: ivemoura@hotmail.com

⁴ Psicóloga Escolar do Cepae.

⁵ Psicóloga voluntária do Serviço de Psicologia do Departamento de Saúde Mental e Medicina Legal da Faculdade de Medicina da UFG e psicóloga Terapeuta de Família.

⁶ Psicóloga voluntária do Serviço de Psicologia do Departamento de Saúde Mental e Medicina Legal da Faculdade de Medicina da UFG e psicodramatista.

⁷ Acadêmico de Medicina da UFG.

Escola como espaço de prevenção às situações de risco foi um ciclo de encontros que a assistente social, a psicóloga e a técnica em assuntos educacionais do Setor de Apoio à Ação Pedagógica do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação da Universidade Federal de Goiás propuseram desenvolver, em 2005, para refletir sobre a participação da família na escola e prevenir situações de risco como drogas e suicídio que interferem no pleno desenvolvimento das atividades escolares das crianças e adolescentes.

Esta proposta veio ao encontro das necessidades identificadas no Cepae a partir dos estudos empreendidos por Moura (2002) ao esclarecer as expectativas dos estudantes do Cepae e ter verificado que eles gostariam que essa escola viesse a lhes prestar alguns serviços complementares à educação como orientação sobre infância e adolescência, prevenção às drogas, relacionamento entre pais e filhos, dentre outros.

Fator que veio corroborar na realização desta proposta foi ter verificado, por meio do projeto de pesquisa *Um estudo sobre o uso de drogas e a construção de uma proposta de prevenção para o Cepae/UFG* (Silva et al., 2004), que o álcool, o cigarro e os inalantes são as drogas mais experimentadas pelos estudantes de 6ª série do ensino fundamental a 3ª série do ensino médio.

Ao concordar com Teixeira (2003) que as escolas podem desenvolver programas de prevenção, mediante investigação de jovens em risco, bem como propiciar a criação de espaço para o diálogo, realizando, dessa forma, um papel fundamental na prevenção da saúde mental, o Setor de Apoio à Ação Pedagógica, no início de 2005 percebe a necessidade de se criar espaços no contexto da escola para que a família ocupe o lugar de parceira na prevenção de situações de risco em relação a drogas, à violência e ao suicídio. Para tanto, construiu-se conjuntamente, escola e Serviço de Psicologia do Departamento de Saúde Mental e Medicina Legal da Faculdade de Medicina da UFG, tal proposta com o objetivo de viabilizar às famílias acesso a informações sobre questões da infância e da adolescência.

Assim, foi proposto realizar encontros mensais que aconteceram de junho a novembro de 2005 para abordar os temas *Ser pai e mãe de adolescente é diferente de ser pai e mãe de criança – limites e conflitos; O adolescente e a escola, quando esta relação fica difícil; Adolescente: riscos e proteção, drogas e tentativa de suicídio; Autoridade na família e na escola; e, Como ajudar meu filho na escolha da profissão?*

Para a organização dos encontros foram abertas inscrições para as famílias e para os servidores docentes e técnicos administrativos do

Cepae. Os pais realizaram suas inscrições por meio do filho, aluno da escola, e os servidores docentes e técnicos administrativos, na própria escola. A presença dos participantes foi confirmada com antecedência, por meio de telefone. Visando abranger um número maior de participantes, foram escolhidos os dias de sábado, das 9h às 11h. Ao término dos encontros foi solicitada uma avaliação da atividade proposta.

A metodologia utilizada nos encontros buscou dar ênfase ao trabalho em grupo, como estratégia de intervenção fundamentada “na crença de que a vivência relacional em grupo oferece a oportunidade de as pessoas compartilharem, umas com as outras, experiências emocionais” (Teixeira, 1997, p. 116). O método utilizado fundamenta-se na teoria do Psicodrama de Moreno (1975), que postula o valor do “encontro” e o compartilhar das pessoas, num mesmo contexto social. Na visão moreniana, são recursos inatos do homem, a espontaneidade, a criatividade e a sensibilidade.

Segundo Moreno (1975), a metodologia psicodramática com grupos segue fases sucessivas de aquecimentos inespecífico, específico, dramatização e compartilhar que dão direcionamento e objetividade ao manejo de um grupo.

O aquecimento inespecífico inclui os cumprimentos iniciais, comentários sobre a semana que passou, lembranças de algum fato interessante relacionado aos temas a serem abordados, ao passo que o específico constitui a preparação do protagonista para a dramatização.

Conforme Gonçalves et al (1988), a dramatização é a oportunidade para que as pessoas examinem, por meio da experiência no “como se” o sentido dos papéis que vêm desempenhando na sua existência. Podem, ainda, descobrir aqueles papéis que correspondam ao seu verdadeiro modo de ser e que se tornam realizáveis. Nesta fase, a pessoa, devidamente aquecida, traz para o contexto dramático as figuras de seu mundo interno, expressando seus conflitos, suas ansiedades e seus medos.

Na fase do *compartilhar* cada integrante do grupo pode expressar aquilo que o tocou, os sentimentos nele despertados. São feitos comentários sobre as situações vivenciadas, possibilitando que cada pessoa, ao se expor, fique em igualdade de condições com os demais protagonistas do grupo.

1º ENCONTRO – TEMA: SER PAI E MÃE DE ADOLESCENTE É DIFERENTE DE SER PAI E MÃE DE CRIANÇA – LIMITES E CONFLITOS.

Neste encontro, o objetivo foi o de que cada participante tentasse se colocar no papel de filho(a), com o intuito de autoperceber-se nessa

relação. O uso desta ação dramática simbólica possibilita à pessoa pensar, visualizar e vivenciar a ação sem executá-la. Permite, portanto, “ver” a situação na perspectiva do outro, por meio da tomada de papel, esclarecendo a dimensão relacional existente entre pais e filhos(as) e a expressão de sentimentos diversos como culpa, ausência, conflito no desempenho do papel de pais, dentre outros.

Após a identificação destes sentimentos tornou-se possível comentar sobre a adolescência, sistema familiar, limites e conflitos na educação dos filhos. Concluiu-se que a fase da adolescência implica na existência de mudanças decorrentes das transformações bio-psicossociais que acarretam em movimentos de mudanças também para a família. Ter um filho adolescente é um estressor no ciclo de vida familiar. Trata-se, pois, de uma fase evolutiva que exige reorganização e re-definições de padrões interacionais. As relações desenvolvidas na família com filho adolescente constituem elemento primordial que serve de modelo, tornando-se referência significativa e duradoura para o adolescente.

2º ENCONTRO – TEMA: O ADOLESCENTE E A ESCOLA, QUANDO ESTA RELAÇÃO FICA DIFÍCIL.

Para perceber as expectativas do grupo com relação ao tema proposto e criar a possibilidade de falar sobre a educação dos filhos utilizou-se, como aquecimento inespecífico, a frase: “eu vim para...”, que deveria ser completada, verbalmente, por todos. Em seguida, foi feita a leitura do texto “A cor da felicidade”, retirado do livro *Marinheiros e professores* (Antunes, 1998), que relata a vida de uma garota sem entusiasmo de viver, de ir à escola e que ao ser valorizada por um garoto, que se torna seu namorado, muda sua forma de ser e de se apresentar.

Os pais, divididos em grupos, discutiram seus sentimentos caso fossem pais da garota, ou professor, ou a própria adolescente. As reflexões denotavam o entendimento de que os jovens têm necessidades diferentes dos adultos e que a auto-estima elevada pode constituir um fator positivo no desenvolvimento da personalidade. Contrariamente, a baixa auto-estima, associada a outros fatores, torna o adolescente mais vulnerável às situações de risco.

Na fase do compartilhar, os participantes construíram uma frase que reunia os três papéis: pais, adolescentes e escola. À medida que os

participantes buscavam integrar essas três dimensões, percebiam a interligação existente entre esses subsistemas. Para finalizar, foi lançada a frase: “estou levando...”, para que fosse completada verbalmente por todos os participantes.

As reflexões que seguiram apontaram para a necessidade de se criar espaços no contexto da escola para que a família ocupe o lugar de parceira na prevenção de situações de risco e que possa construir um relacionamento afetivo com seus filhos adolescentes.

Sendo assim, o grupo de proponentes do projeto entende que família e escola, diante do dinamismo que acompanha as mudanças na sociedade, estão sendo chamadas a rever suas funções e a qualidade das relações que se estabelecem entre esses dois segmentos. “A família precisa ser reconhecida e valorizada pela escola e a escola necessita que a família a qualifique no seu saber e fazer” (Bartholo e Medina, 2003, p. 10).

Teixeira (2000) acrescenta que a família e a escola vivem, muitas vezes, uma relação difícil, mas plenamente possível. A escola deve capacitar-se na construção de um contexto que consiga articular com a família novos saberes, visando ao processo de educação de seus filhos e de educandos.

3º ENCONTRO – TEMA: ADOLESCENTE: RISCOS E PROTEÇÃO, DROGAS E TENTATIVA DE SUICÍDIO.

Para refletir sobre o tema proposto, o aquecimento inicial constituiu-se em colocar no chão, papéis com as seguintes frases: *drogas e adolescência; é possível prevenir o uso de drogas? Família: fator de risco ou de proteção às drogas e ao suicídio? O papel da escola na prevenção às situações de risco*. Em seguida, solicitou-se que escolhessem uma frase e que, em pequenos grupos, refletissem sobre elas. Seguiu-se uma discussão sobre a questão de drogas nos dias de hoje, os riscos dos filhos frente às demandas postas pelos grupos de pares e a preocupação e o medo diante da perspectiva de um filho se tornar usuário de drogas ou de tentar o suicídio.

Foi unânime o entendimento do grupo de que drogas e risco de suicídio são temas pertinentes na educação dos filhos. Várias sugestões foram levantadas para que houvesse continuidade das discussões junto à escola.

Sendo assim, conclui-se que é possível, também, trabalhar com pais na perspectiva de prevenção do uso de drogas e do suicídio, mediante a criação de espaços dialógicos, que visem informar sobre os sinais de alerta

e abordar as idéias errôneas, os mitos, os preconceitos que envolvem o uso de drogas e o suicídio; sensibilizar os pais para a necessidade de promover um ambiente familiar solidário, com a expressão de afetividade, de forma a favorecer o desenvolvimento da auto-estima de seus filhos.

4º ENCONTRO – TEMA: AUTORIDADE NA FAMÍLIA E NA ESCOLA.

Na fase do aquecimento foi exibido o filme “Família - o resgate”, material do curso EAD para Educadores das Escolas Públicas sobre Prevenção ao Uso de Drogas produzido pela SENAD/ MEC/ FINATEC/ UnB, que aborda o assunto autoridade na família e na escola (BRASIL, s.d.). Em seguida, abriu-se espaço para o grupo discutir suas dúvidas e inquietações quanto ao exercício da autoridade na educação dos filhos. Mediante essas discussões, esclareceu-se o significado das palavras autoridade, autoritarismo, autonomia, disciplina e responsabilidade, relacionando as situações levantadas na família ou na escola com a ação de educar no momento atual.

Assim, os pais e as mães compartilharam a dificuldade em colocar autoridade no lar e perceberam que, por não estarem alinhados com as regras da escola, a têm desautorizado diante dos estudantes, retirando dos filhos responsabilidades.

A reflexão que o grupo fez é de que o filme proporcionou um espaço de conversação e possibilitou a oportunidade de falarem sobre suas ansiedades, experiências e expectativas em relação às regras construídas e seguidas tanto na escola quanto em seus lares. Vislumbrando, assim, caminhos para a resolução de conflitos, dúvidas e responsabilidades advindas do papel de pais e educadores.

5º ENCONTRO – TEMA: COMO AJUDAR MEU FILHO NA ESCOLHA DA PROFISSÃO?

Com o objetivo de refletir sobre a escolha profissional foram lançadas as seguintes perguntas: *Como posso ajudar meu filho na escolha profissional? Tenho ajudado ou atrapalhado meu filho nesta escolha? Existem profissões que são mais importantes socialmente e mais reconhecidas?*

Em seguida, iniciou-se ampla discussão em que ficaram evidenciados os seguintes aspectos: escolher profissão é algo decisivo na vida; a escolha é feita, normalmente, na fase em que o estudante ainda está imaturo

emocionalmente e está ligada à família, sociedade, amigos, mercado de trabalho, política e economia do país; o interesse por uma atividade pode não ser determinante para a escolha de uma profissão; o adolescente precisa conhecer-se e saber que as expectativas dos pais exercem um papel importante sobre suas escolhas.

Além dos aspectos evidenciados pelo grupo, salientou-se que no momento da escolha de uma profissão o estudante, ainda adolescente, pode vivenciar sentimentos de perdas diante da impossibilidade de realizar atividades que não sejam aquelas vinculadas à vida estudantil. Há também momentos em que renunciará a atividades da vida social em função dos estudos. Além disso, a convivência com seus pais e com outros adultos pertencentes à sua rede de relacionamentos pode introjetar, no adolescente, idéias desfavoráveis sobre o trabalho.

Assim, concluiu-se que família e escola são fundamentais no processo de escolha da profissão do adolescente, seja orientando-o, estimulando-o, incentivando-o ou financiando seus estudos, no caso específico da família.

FAMÍLIA E PARTICIPAÇÃO ESCOLAR

A escola, além de espaço de instrução é, reconhecidamente, espaço social, cultural, de formação e de exercício da cidadania. Além da aprendizagem, nenhuma escola pode esquecer a organização das relações interpessoais e da convivência, para que, desse modo, possa efetivamente levar os seus participantes a intervir de forma consciente na realidade, envolvendo-os e construindo o sentimento de co-responsabilidade. E isto só é possível por meio da criação de espaços de diálogos coletivos.

A origem da existência da escola está no fato de que seres novos chegam a este mundo sob a condição específica e diferenciada da infância. A dissimilitude entre adultos e crianças é, pois, um elemento inamovível da estrutura escolar. Adultos cuidam, protegem, orientam crianças e adolescentes e responsabilizam-se por eles, ou seja, exercem a diferença de sua condição que é a de estarem integralmente postos e expostos no mundo, ao passo que as crianças precisam ser relativamente preservadas até que possam enfrentá-lo. Ao mesmo tempo, crianças e adolescentes apresentam desde muito cedo as características psicológicas e sociais que os fazem elementos constitutivos ativos dos diferentes grupos socioculturais, isto é, que os fa-

zem seres historicamente situados. A escola, mesmo que não o reconheça, recebe a criança em sua dupla dimensão: como um indivíduo em formação a ser orientado e protegido, e como um ser histórico, com identidade cultural própria a ser entendida, respeitada e desenvolvida (Moreira, 1999, p. 125-126).

Sendo assim, vivencia-se hoje o reconhecimento da indissociabilidade entre escola, família e sociedade, ou, em outras palavras, entre as experiências extra-escolares e o desempenho e a manifestação da subjetividade no espaço escolar, como meio indispensável “de elevação do nível cultural, de formação para a cidadania e de desenvolvimento de conhecimentos e capacidades para enfrentamento das condições adversas de vida” (Libâneo, 2003, p. 20-21).

Como espaço de desenvolvimento integral do indivíduo, a escola tem sido concebida sob diferentes perspectivas: como uma instituição de trabalho, de convivência e de vida, e, na medida em que é um espaço de vida, lhe recai inevitavelmente a necessidade de organizar os acontecimentos que fazem parte da vida das pessoas e da coletividade.

Puig et al. asseveram:

Se a aprendizagem é uma função indiscutível da escola, a relação e a convivência são hoje algumas das realidades mais importantes da instituição docente. A escola é um espaço onde vivem pessoas adultas e jovens durante um grande período de horas por dia e de dias da semana. Isso supõe uma fonte de experiências de socialização e de educação moral de grande alcance. Nenhuma escola pode esquecer a organização das relações interpessoais e da convivência (Puig et al., 2000, p. 38).

Por outro lado, além dos muros da escola existe um mundo que também faz parte da realidade do aluno e que é nele, muitas vezes, que se realiza as experiências mais significativas da sua vida como aprender e se relacionar. Portanto, negar esta realidade é não reconhecer o aluno enquanto ser sócio-histórico.

Perceber o aluno enquanto ser sócio-histórico é reconhecer a importância de seu mundo na constituição do seu ser. E este mundo, além de não se reduzir ao espaço escolar é normalmente permeado de conflitos, desafios e contradições devido, muitas vezes, ao próprio processo de desenvolvimento físico, psíquico, afetivo, social e cognitivo do educando.

A família, neste contexto, aparece como parceira fundamental da escola, pois se coloca não só como um importante elo entre o aluno e seu mundo exterior, mas como elemento capaz de apontar tudo o que a escola não vê explicitamente: os conflitos que o aluno vivencia e suas dúvidas e contradições existenciais. Ela é, portanto, imprescindível quando se trata de ajudar a escola a definir caminhos para o desenvolvimento das habilidades voltadas para a formação humana mais geral, pois ajuda a elucidar os valores e os conflitos presentes no dia-a-dia dos alunos, seus filhos.

Vemos, portanto que, se por um lado cabe à escola “o desenvolvimento das potencialidades dos alunos por meio de conteúdos (conhecimentos, habilidades, procedimentos, atitudes, valores), para constituírem-se em cidadãos participativos na sociedade em que vivem” (Libâneo, 2003, p. 82); por outro, é preciso reconhecer que “o trabalho nas escolas se defronta com características culturais dos alunos, que afetam sua participação nas aprendizagens” (Libâneo, 2003, p. 83) e que precisam, por essa razão, ser elucidadas.

Desse modo,

A escola de hoje não pode limitar-se a passar informação sobre as matérias, a transmitir o conhecimento do livro didático. Ela é uma síntese entre a cultura experienciada que acontece na cidade, na rua, nas praças, nos pontos de encontro, nos meios de comunicação, na família, no trabalho etc., e a cultura formal que é o domínio dos conhecimentos, das habilidades de pensamento (Libâneo, 2003, p. 40-41).

A escola não pode, assim, “ficar imune aos problemas individuais ou genéricos de origem sócio-afetiva” (Moreira, 1999, p. 128). Em sua prática cotidiana, ao contrário, precisa “ampliar a interface da atividade escolar com a casa e a família” (Moreira, 1999, p. 128). Pois somente desta maneira conseguirá estabelecer o diálogo, tão necessário para ajudar a intervir nos problemas apresentados no cotidiano escolar e que estão interligados, por sua vez, com a experiência e vivência mais ampla de seus alunos.

É preciso, contudo, esclarecer que participar não é somente permitir que alunos, pais e professores desenvolvam, esporadicamente, determinadas atividades no âmbito da escola nem deixar prevalecer uma única linha de pensamento e trabalho. Participar é envolver toda comunidade na vida escolar mediante diálogo e ação cooperativa e, especialmente, estar preparado para discutir os problemas e propor mudanças, pois somente a palavra

aliada à ação amplia a compreensão da escola e realiza a transformação (Puig et al., 2000).

Todavia, centrar a idéia de “participação na palavra ou no diálogo apenas poderia recair num verbalismo sem significação e, acima de tudo, pouco eficaz para influir na vida da escola” (Puig et al., 2000, p. 33), uma vez que não se trata apenas de falar sobre coisas que aconteceram ou que nos preocupam, mas, acima de tudo, procurar maneiras de intervir que satisfaçam as necessidades de todos ou, pelo menos, que ajudem a entender e, conseqüentemente, lidar com situações limites colocadas pelos educandos em suas diferentes etapas de desenvolvimento e que acabam se manifestando no cotidiano escolar.

A participação, vista sob esta perspectiva, ou seja, como intervenção, é o principal meio de assegurar uma atuação conjunta em torno de objetivos comuns e compartilhados. O processo educacional em que pais e professores estão lado a lado, dando sentido à existência de adolescentes e jovens, deve ser norteado pela idéia de que “a educação pode ajudar a nos tornarmos melhores, se não mais felizes” (Morin, 2001, p. 11).

A escola não pode se omitir da responsabilidade de fazer a ligação entre os aspectos cognitivos, social e afetivo da formação dos seus alunos. Isto porque “O ensino implica lidar com os sentimentos, respeitar as individualidades, compreender o mundo cultural dos alunos e ajudá-los a se construírem como sujeitos, a aumentar sua auto-estima, sua autoconfiança, o respeito consigo mesmos” (Libâneo, 2003, p. 42). E nada melhor do que a família que conhece todas as especificidades de seus filhos para ajudar a promover esta aproximação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta *Escola como espaço de prevenção às situações de risco* veio reforçar a necessidade de se pensar o segmento família e participação escolar. A experiência possibilitou aos profissionais que compõem as equipes de Psicologia, Serviço Social e Técnicos em assuntos Educacionais do Setor de Apoio à Ação Pedagógica do Cepae, perceberem a importância de se constituir um espaço dialógico, no contexto da escola, para melhorar as relações interpessoais e de convivência, possibilitar a intervenção direta na realidade e a construção da idéia de co-responsabilidade. A metodologia participativa utilizada ofereceu o encontro de idéias, a livre comunicação

de sentimentos, a interação pessoa-pessoa, além do resgate de emoções e de competências.

O debate conjunto entre família e escola, avaliando encontros e desencontros desses dois segmentos da sociedade, foi outro aspecto que tomou lugar nos momentos vividos pelo grupo, reforçando a idéia de que família e escola precisam caminhar juntas, construindo espaços favoráveis ao desenvolvimento de pessoas, contrapondo-se à prática de convidar a família a comparecer à escola apenas no momento de indisciplina, baixo rendimento escolar ou reprovação. Evitar a criação de idéias e fantasias errôneas acerca da ida dos pais ao contexto escolar pode levá-los a imaginar que poderiam ser convidados a estarem na escola para participarem de encontros, palestras, minicursos, apresentações culturais dos filhos e atividades de lazer.

Percebe-se assim que, para tornar a educação um processo de relações significativas, a escola e a família devem cumprir funções e papéis, resgatando competências específicas, buscando na tarefa de educar reconhecer os jovens, filhos ou estudantes, como pessoas que necessitam de apoio para se desenvolverem de forma saudável num mundo de grandes transformações e constantes desafios.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, C. *Marinheiros e professores*. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.
- BARTHOLO, M. H. C; MEDINA, C. A. *Conversar para gerar conversas*. São Paulo: CEFAL, 2003.
- BRASIL. Ministério da Educação. O adolescente e as drogas no contexto da escola. In: Curso de formação em prevenção do uso indevido de drogas para educadores de escolas públicas. Brasília: SENAD/MEC/FINATEC/UnB, [s.d.]. v. 1.
- GONÇALVES, C. S. et al. *Lições de Psicodrama – introdução no pensamento de J. L. Moreno*. São Paulo: Agora, 1988.
- LIBÂNEO, J. C. *Organização e Gestão Escolar*. Goiânia: Alternativa, 2003.
- MORENO, J. L. *Psicodrama*. São Paulo: Cultrix, 1975.

MORIN, E. *A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

MOURA, I. G. S. O questionário sócio-econômico-cultural como instrumento para formulação de políticas sociais. *Solta a Voz* – UFG, Goiânia, ano 1, n. 2, p. 72-79, jan./dez. 2002.

MOREIRA, A. F. B. (Org.). *Currículo: políticas e práticas*. Campinas. São Paulo: Papirus, 1999.

PUIG, J. M. et. al. *Democracia e participação na escola: propostas de atividades*. São Paulo: Moderna, 2000.

SILVA, C. G. et al. Projeto de Pesquisa: um estudo sobre o uso de drogas e a construção de uma proposta de prevenção para o Cepae/UFG, Goiânia, 2004.

TEIXEIRA, C. M. F. Construindo novas possibilidades na relação entre pais e filhos adolescentes no contexto grupal. *Cadernos da Educação*, Goiânia, n. 5, p. 107-132, 1997.

_____. A família na educação. *Inter-Ação* – Revista da Faculdade de Educação – UFG, Goiânia, ano 25, n. 2, p. 89-95, 2000.

_____. *Tentativa de suicídio na adolescência: dos sinais de aviso às possibilidades de prevenção*. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2003.

Recebido em: 2 mar. 2006

Aceito em: 12 set. 2006